

ASTROLABIO

REVISTA DE ASTROLOGIA

1ª EDIÇÃO

JUNHO DE 2018

ARTIGO

Monetizing your lower risk investments

Advice on how to make your active income passive. Tips from the best and most trusted investors.

ENTREVISTA

A astrologia na arte de Jake Baddeley

Becoming a mover and shaker in your field. How to make use of windfall money and inherited fortunes.

ARTIGO

Alec Antoine, CEO of Antoine Innovations

Becoming a mover and shaker in your field. How to make use of windfall money and inherited fortunes.





Editorial

A Revista Astrolábio surgiu da necessidade de efervescência do saber, no cenário astrológico.

A quantidade e a velocidade com que as informações e o conhecimento, chegam ao público é impressionante, mas a conveniência exige que venham travestidos de casualidade. O conhecimento ganhou público mas perdeu profundidade, efervescência não é o mesmo que audiência.

A queda das publicações mais elaboradas, que a babilônica rede social não comporta, a escassez de traduções dos textos astrológicos, sejam de escrita recente, medieval ou helenística, ou seja, da necessidade de um veículo em que astrólogos pudessem publicar seus artigos, aprofundando os temas celestes e em que outros temas, pertinentes a esse saber, pudessem ser abordados, nasceu o projeto dessa revista.

O projeto foi concebido por mim, mas só se tornou REVISTA ASTROLÁBIO com a parceria da Catarina e a colaboração da Andréa. Do nosso primeiro encontro até aqui as coisas fluíram rapidamente, e a sincronicidade na escolha do nome, para o qual surgiram inúmeras ideias pensadas a três, e que acabou sendo pensado solitariamente, por cada uma de nós, no mesmo dia, a concordância fácil sobre a identidade visual e a verdade com a qual nos tratamos, fez dessa experiência algo ímpar. E por isso, nomeamos a nós mesmas de Três Marias.

A revista terá a contribuição de diferentes astrólogos em cada edição, mantendo a coesão do conteúdo pela repetição das colunas nomeadas como: Três Marias, Meio do Céu, Fase Heliacal, De Apolo a Dionísio, Mais sobre o Céu, Argo Navis e Astrologia na Prática.

Essa primeira edição, de certa forma, foi escolhida pela filosofia, já que sem qualquer determinação de conteúdo por nossa parte, os autores, em sua maioria, escolheram o tema filosófico subjacente ao conhecimento astrológico.

É com muita alegria que anunciamos o nascimento da Revista Astrolábio.

Evoé!
Nicole Zeghbi



Equipe editorial:

Andréa Guerra
Catarina Spagnol
Nicole Zeghbi

Diagramação:

Catarina Spagnol
Nicole Zeghbi

Traduções:

Andréa GuerraCatarina Spagnol

Revisão:

Andréa Guerra
Catarina Spagnol
Nicole Zeghbi
Viviane Burger no artigo
“Vale quanto pesa?”

Contato:

Astrolabioastrologia3@gmail.com

A revista Astrolábio é uma produção independente, sem fins lucrativos. Os textos publicados são de inteira responsabilidade dos seus autores e não necessariamente refletem a opinião da revista. A reprodução dos artigos e textos aqui publicados só é permitida mediante autorização dos autores.



NESSA EDIÇÃO

- 05 **AS TRÊS MARIAS**
Astrologia, destino e linguagem
Por Catarina Spagnol
- 12 **APOLO E DIONÍSIO**
A astrologia na arte de Jake Baddeley
Entrevista com Jake Baddeley
- 22 **FASE HELIACAL**
Cooking or cookery is the art, technology and cr
Por Raffaella Calegari
- 31 **MEIO DO CÉU**
Preheat the grill on high heat, and use a grill brush to clean properly
Por João Acurio
- 31 **ARGO NAVIS**
Preheat the grill on high heat, and use a grill brush to clean properly
Por ??????
- 31 **ASTROLOGIA NA PRÁTICA**
Vale quanto pesa?
Uma interpretação astrológica da vida e da obra de Albert Camus
Por Nicole Zeghbi
- 31 **MAIS SOBRE O CÉU**
Preheat the grill on high heat, and use a grill brush to clean properly
Por Poema Querubim



Astrologia, destino e linguagem

POR CATARINA SPAGNOL



Astrologia é um corpo de conhecimento bastante antigo. Inclusive, a palavra é a junção do termo Grego astron; que significa “astros”, “estrelas”, “corpos celestes” e do termo Logos, que significa “palavra”, “estudo”. Nesse sentido, a Astrologia é definida como a relação entre os astros no céu e os eventos na terra.

Nossa proposta através dessa breve reflexão é principalmente, convidar o leitor a pensar sobre a astrologia e a função que ela exerce no mundo hoje. Como não poderia ser diferente, essa proposta está alinhada com a proposta central da revista Astrolábio, que é propagar a astrologia tal como ela merece, que é sob uma perspectiva séria e pragmática, com o respeito pelas suas raízes, embora aplicada ao mundo contemporâneo.

Todavia, para pensar sobre a astrologia, não é possível deixar de seguir os rastros deixados pelo corpo de conhecimento que um dia ela foi, pois é exatamente o passado que faz dela o que ela é, e é assim que começamos.

De acordo com Vani Terezinha de Rezende no artigo “A noção de destino na astrologia e sua influência ao pensamento ocidental: notas inspiradas em uma leitura crítica de “The stars down to earth, de T.W. Adorno”, ao que tudo indica, o estudo dessa relação entre o cosmos e o mundo a partir da observação do céu, aparece em várias civilizações: na Caldéia, na Índia, na China, na América Latina. Para Keith Thomas, historiador britânico, a origem da prática da Astrologia enquanto um corpo de conhecimentos teve início com os babilônios, depois foi aperfeiçoada pelos gregos e ampliada principalmente pelos árabes no período da idade média. Diante de tudo o que a astrologia significou para os primórdios da civilização, em hipótese alguma, podemos excluir a importância que ela teve no enriquecimento das ideias que se formariam do universo. Por isso, esse momento inicial do nosso texto é oportuno para citar Marcus Manilius: “A própria natureza encorajou os homens a elevar a cortina que a cobria”.



HEIRMARMENÊ, A LEI QUE REGE TODAS AS COISAS

De que forma então podemos pensar a questão do destino?

Para refletir sobre esse conceito, é possível encontrar suporte no pensamento filosófico do Estoicismo.

Não há intenção aqui de adentrar na complexidade desse conceitos, mas sim extrair deles a essência do fundamento e simplificá-los o máximo possível, para que possam servir ao nosso propósito central, que é pensar sobre a astrologia. O destino, enquanto conceito, pressupõe ordem

e fatalismo. Mas para os estóicos, ele é Heimarmenê, termo que pode ser traduzido também como lei necessária que rege as coisas^(*) ou lote inelutável - destinal.^(**) Esse termo Heimarmenê (destino) deriva do particípio passado do verbo meiromai (ter parte, ter por sorte), cuja raiz mer encontra-se em meros (parte) e possivelmente em Moirai (As Moiras, as Eríneas, as Parcas). ^(***)

Portanto, para os Estóicos, o destino seria uma realidade natural, que aparece sob um nexus causarum, numa sucessão de acontecimentos

E assim, através da astrologia, o homem olhou para o céu em busca de significado para a vida.” Sob essa perspectiva, a astrologia é uma forma de representação da realidade que considera um elemento muito interessante: o destino. Desse modo, a relação entre o homem e o cosmos estaria moldada pela força imanente do destino e segundo os preceitos astrológicos, seria possível prevê-lo. Ora, a ideia de considerar o destino do homem como algo passível de previsão leva-nos à inevitável reflexão: o que é a astrologia e como podemos pensar isso de destino? Principalmente porque esse conceito parece contradizer a ideia de livre arbítrio.



Pitônisa de Delfos

dispostos na ordem do todo, que é o cosmos. Nesse contexto, cada vida humana participa da ordem do mundo.

Na antiguidade greco-romana, o próprio termo kósmos carrega esse significado de ordem do mundo. Para os estóicos, o termo desdobra-se para a

(*) DE REZENDE, VANI TEREZINHA. ANOÇÃO DE DESTINO NA ASTROLOGIA E SUA INFLUÊNCIA NO PENSAMENTO OCIDENTAL: NOTAS INSPIRADAS EM UMA LEITURA CRÍTICA DE THE STARS DOWN TO EARTH-T.W.ADORNO. Interações: Cultura e Comunidade [en línea] 2014, 9 (Julio-Diciembre) : [Fecha de consulta: 29 de abril de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313037815011>> ISSN 1809-8479 <http://www.redalyc.org/html/3130/313037815011/>

(**) GAZOLLA, Rachel. Cosmologias, cinco ensaios sobre filosofia da natureza. Editora Paulus. São Paulo, 2008. P.85.

(***) DE REZENDE, VANI TEREZINHA. ANOÇÃO DE DESTINO NA ASTROLOGIA E SUA INFLUÊNCIA NO PENSAMENTO OCIDENTAL: NOTAS INSPIRADAS EM UMA LEITURA CRÍTICA DE THE STARS DOWN TO EARTH-T.W.ADORNO. Interações: Cultura e Comunidade [en línea] 2014, 9 (Julio-Diciembre) : [Fecha de consulta: 29 de abril de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313037815011>> ISSN 1809-8479 <http://www.redalyc.org/html/3130/313037815011/>



Astrolabe & Astrological Volvelle | Italy, late 15th century

reflexão sobre o conjunto do que é ordenado (tò hólon), sobre o Todo (tò pân), mas também sobre o modo de ser geral e particular.”(*)

Em outras palavras, o destino do homem seria nada menos do que a sua participação contextual na totalidade do texto da vida, mas também esse kosmos incorporado ao próprio homem, na sua individualidade expressa no todo.

Por isso, Sva cvi que persona ou cada qual tem a sua própria máscara . Essa frase tão simbólica foi atribuída à Sêneca e escrita sobre a máscara na pintura de Ridolfo del Ghirlandaio (também conhecido como Ridolfo Bigordi).

É com a máscara(**) que participamos da teatral tragédia das nossas vidas, assumindo papéis e atuando conforme a nossa porção ou nossa sorte.

Rimbaud escreveu que a vida é uma farsa que toda a gente se vê obrigada a representar e podemos considerar que essa representação é o que chamamos de destino.

O mais interessante em relação ao conceito do destino na filosofia estoica é que o mesmo opera através da razão, ou logos. Sendo assim, o destino é uma sequência de acontecimentos racional e necessária.(***) Por isso diz-se que o destino pode ser previsível.

Sobretudo, e muito nos interessa, é que essa previsão diante do destino é realizada pelo oráculo, que possui a função de antever os acontecimentos, uma vez que ele faz parte da trama do mundo. Assim, para prevê-lo é necessário encontrar uma forma de acessar os fios que se sobrepõem nessa trama. E é aqui que entra a astrologia.

(*) GAZOLLA, Rachel. Cosmologias, cinco ensaios sobre filosofia da natureza. Editora Paulus, São Paulo, 2008. P.84.

(**) “Cada qual tem sua própria máscara”, escreveu Sêneca em seu tratado “Sobre os benefícios”, no livro II, capítulo 17.

(***) DE REZENDE, VANI TEREZINHA. ANOÇÃO DE DESTINO NA ASTROLOGIA E SUA INFLUÊNCIA NO PENSAMENTO OCIDENTAL: NOTAS INSPIRADAS EM UMA LEITURA CRÍTICA DE THE STARS DOWN TO EARTH-T.W.ADORNO. Interações: Cultura e Comunidade [em linha] 2014, 9 (Julio-Diciembre) : [Fecha de consulta: 29 de abril de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313037815011>> ISSN 1809-8479 <http://www.redalyc.org/html/3130/313037815011/>



Mapa do céu com o zodíaco
de um manuscrito medieval
de Burgo de Osma

A ASTROLOGIA COMO ORÁCULO

Inegavelmente e antes de ser qualquer outra coisa, a astrologia é oráculo, porque em suas raízes ela sempre foi utilizada com o intuito preditivo.

Ao oráculo não cabe somente dizer, mas predizer. Portanto, a voz do oráculo é anterior ao acontecimento.

Na astrologia, a função oracular desenvolve-se através de símbolos. Ora, para começar podemos dizer que os símbolos funcionam como poderes dinâmicos (*dynamis*) que dão forma e informam o cosmos.****)

Jâmblico, filósofo neoplatônico, dizia que os símbolos revelam o propósito dos deuses, chegando a fornecer elementos do futuro, “nem falando nem escondendo”, mas dando indicações através de sinais, uma vez que eles impressionam, como se através da semelhança, o modo da criação na verdade de antecipar isso. *****)

Na verdade, a astrologia era defendida pelos estóicos como uma forma de adivinhação, tida inclusive como científica, uma vez que se apoiava no conhecimento científico da época, tais como a própria regularidade do movimento dos corpos celestes. *****)

Mas, em hipótese alguma podemos dizer que astrologia é ciência. Até mesmo quando utilizava o corpo de conhecimento científico, o fazia somente como forma de correspondência entre o céu e a terra. Inclusive, o próprio conceito de ciência evoluiu com o tempo, afastando-se ainda mais da astrologia.

****) Bal, Gabriela. Em busca do “não-lugar”. A linguagem mística de Plotino, Jâmblico e Damásio à luz de Parmênides de Platão. PUC-SP. 2010. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/1796/1/Gabriela%20Bal.pdf>

*****) Bal, Gabriela. Em busca do “não-lugar”. A linguagem mística de Plotino, Jâmblico e Damásio à luz de Parmênides de Platão. PUC-SP. 2010. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/1796/1/Gabriela%20Bal.pdf>. Tradução de Clarke-Dillon - Hershbell. Iamblicus on the mysteries. P. 159.

*****) Novak, Maria da Glória. Adivinhação, superstição e religião no último século da República (Cícero e Lucrécio). Clássica. São Paulo. 1991. P. 155. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/582/524>

A LINGUAGEM DAS SEMELHANÇAS

Depois de refletir sobre o destino, é hora de refletir sobre a astrologia em si.

Ora, de que forma ela é possível? Veremos.

Se começamos nossa reflexão com os Estóicos, prosseguiremos nela a partir da filosofia moderna de Michael Foucault.

Essa associação da astrologia com a obra de Foucault é essencial porque serve como fundamento filosófico para e concede validade para a interpretação astrológica.

De acordo com esse filósofo, a semelhança desempenhou um papel construtor no saber da cultura ocidental. Eis a transcrição de suas palavras:

“O mundo enrolava-se sobre si mesmo: a terra repetindo o céu, os rostos mirando-se nas estrelas e a erva envolvendo nas suas hastes os segredos que serviam ao homem”.()*

Schema huius præmissæ diuisionis Sphærarum .



Universo Geocêntrico de Ptolomeu

Desse modo, a semelhança foi a responsável por organizar o jogo dos símbolos e representar a realidade do mundo clássico. Para aprofundar o conceito, Foucault desdobra a semelhança em quatro. A saber: convenientia, aemulatio, analogia e simpatia. Esses quatro desdobramentos da semelhança adaptados à linguagem é o que sem dúvida, tornou e torna até hoje, a astrologia possível.

A conveniência é a responsável pelo encadeamento. Através dela, é possível o mundo constituir cadeia consigo mesmo.(**) A emulação, que é o segundo desdobramento da semelhança, atua como um reflexo no espelho e proporciona a correspondência. Os reflexos mudos são duplicados por palavras que os indicam. Sobre a emulação, eis a transcrição de suas palavras na íntegra e por sinal, bem adequada:

(*) Foucault, Michael. As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. Ed. Martins Fontes. São Paulo. 2000. P. 33

(**) Foucault, Michael. As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. Ed. Martins Fontes. São Paulo. 2000. P. 35.

“De longe, o rosto é o êmulo do céu e, assim como o intelecto do homem reflete, imperfeitamente, a sabedoria de Deus, assim os dois olhos, com sua claridade limitada, refletem a grande iluminação que, no céu, expandem o Sol e a Lua; a boca é Vênus, pois que por ela passam os beijos e as palavras de amor; o nariz dá a minúscula imagem do cetro de Júpiter e do caduceu de Mercúrio. Por esta relação de emulação, as coisas podem se imitar de uma extremidade à outra do universo sem encadeamento nem proximidade: por sua reduplicação em espelho, o mundo abole a distância que lhe é própria; triunfa assim sobre o lugar que é dado a cada coisa. Desses reflexos que percorrem o espaço, quais são os primeiros?”()*

A terceira forma da semelhança é a analogia, que é um conceito velho, familiar ao conhecimento da Grécia e ao pensamento medieval, mas cujo uso se tornou provavelmente diferente. A analogia torna possível a relação, por exemplo, dos astros com o céu onde cintilam, de encontrar-se igualmente na relação da erva com a terra, dos seres vivos com o globo onde habitam.(**)

O mais interessante da analogia é que ela pode voltar-se sobre si mesma sem ser contestada e por isso, pode ser aplicada universalmente. A grande analogia do corpo e do destino é assinalada por todo o sistema dos espelhos e das atrações. São as simpatias e as emulações que assinalam as analogias.(**)

Existe, entretanto, nesse espaço sulcado em todas as direções, um ponto privilegiado: é saturado de analogias (cada uma pode aí encontrar um de seus pontos de apoio) e, passando por ele, as relações se invertem sem se alterar. Esse ponto é o homem; ele está em proporção com o céu, assim como com os animais e as plantas, assim como com a terra, os metais, as estalactites ou as tempestades. Erguido entre as faces do mundo, tem relação com o firmamento.(****) Até aqui, todos os desdobramentos da semelhança inserem o homem como o fulcro das proporções. Por último, temos a simpatia, que estabelece a comunicação entre o corpo e o céu. Esse conjunto de semelhanças é o que, de acordo com Foucault, transforma o mundo em um grande livro aberto. E se o mundo é livro, ele pode ser lido.

É na linguagem das semelhanças que a natureza encerra-se em si mesma através da figura do cosmos, tornando a linguagem astrológica perfeitamente possível. Portanto, havia no coração do saber uma necessidade: era preciso ajustar a infinita riqueza de uma semelhança.(****)

Ora, os signos remetem ao que indicam e por isso, a magia se aproxima da erudição, através de formas requeridas e não de conteúdos aceitos. Se o mundo é um campo coberto de signos, podemos decifrá-los, pois conhecer é, antes de tudo, interpretar.

Dessa forma, de acordo com Foucault, a função adivinhatória de um oráculo jamais será concorrente do conhecimento, ou até mesmo da ciência, pois ela incorpora-se ao corpo de conhecimento do mundo.

(*) Foucault, Michael. As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2000. P. 35 - 36.

(**) Foucault, Michael. As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2000. P. 37.

(***) Foucault, Michael. As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2000. P. 44.

(****) Foucault, Michael. As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2000. P. 38.

(*****) Foucault, Michael. As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2000. P. 48.



DESFECHO ASTROLÓGICO

Através desse jogo de semelhanças podemos associar Vênus com prazer, Marte com ruptura, Saturno com limite, Júpiter com abundância, Mercúrio com a comunicação, Sol com poder e Lua com emoção e com todos os outros conjuntos de associações possíveis. É a linguagem da semelhança que confere significado e torna possível fazer a leitura do destino, ou papel a ser desempenhado diante do contexto da vida e expresso no mapa.

A astrologia descreve o que está escrito, e o que está escrito é linguagem. É na linguagem que vida e destino se cruzam, abrindo caminho para a tentativa de compreensão da vida, a partir do espaço sagrado da intimidade. Portanto, podemos ousar pronunciar que o destino é um enunciado profético, proferido em tom de verdade inalienável, diante da angústia do sujeito no mundo.

Ora, conhecer o destino é indubitavelmente, também conhecer a si mesmo.

Reconhecer o destino é perceber a existência em um contexto semiótico, onde a vida exige o exercício de um papel a cumprir, numa dinâmica contínua com outros personagens.

O homem olhou para o céu e ao olhar para o céu, descobriu a si mesmo.

Ao contemplar um mapa, quem fala é o mundo através do símbolo e quem observa é o homem atento que interpreta o símbolo e o converte e transforma em palavras.

Eis a dinâmica entre o enunciador, o enunciado e a enunciação.

Fontes:

<http://www.redalyc.org/html/3130/313037815011/>
<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/19883/2/fsardoteologia000083277.pdf>
<http://revistadefilosofia.com/12-6.pdf>
<http://www.redalyc.org/html/3130/313037815011/>



A astrologia na arte de jake baddeley

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

The term "basic" has gotten a bad rap.

Just search its hashtag on any social media platform and you'll be berated with images of Starbucks cups, pumpkin spiced everything and catty references to ex-girlfriends.

The basic bitch has been criticized for her supposedly one-note fashion sense, her inexcusable mainstream style (see: fleece pullover and black leggings).

Basic doesn't have to equal bland, however. It can represent an elegant simplicity and chic less-is-more mentality. And turns out, that's what is hot in fashion right now. Some would say the basic bitch is back, or that she never left at all.

Just look at some of history's best dressed women, Yet they didn't exactly reinvent style. They mastered staples.



Now you can save your butter for baking. We've got five healthier ideas for cooking fresh fish. More delicate than meat, fish can dry out easily. To keep moisture in, cook fish quickly over high heat, or gently poach it in liquid.

1. GRILLED FISH

When you're grilling fish, keep a close watch. Fish only takes a few minutes per side to cook. If the fillets are an even thickness, sometimes they don't even require flipping—they can be cooked through by grilling on one side only.

- Brush the fish lightly with oil or spray with nonstick cooking spray.
- Place fish near the edge of the grill, away from the hottest part of the fire. (Don't try to lift up the fish right away; it will be stuck to the grill).
- Start checking for color and doneness after a few minutes, once the fish starts to release some of its juices.
- Flip the fish over when you see light grill marks forming.



“

*Climb the
mountains not so
the world can see
you, but so that you
can see the world*

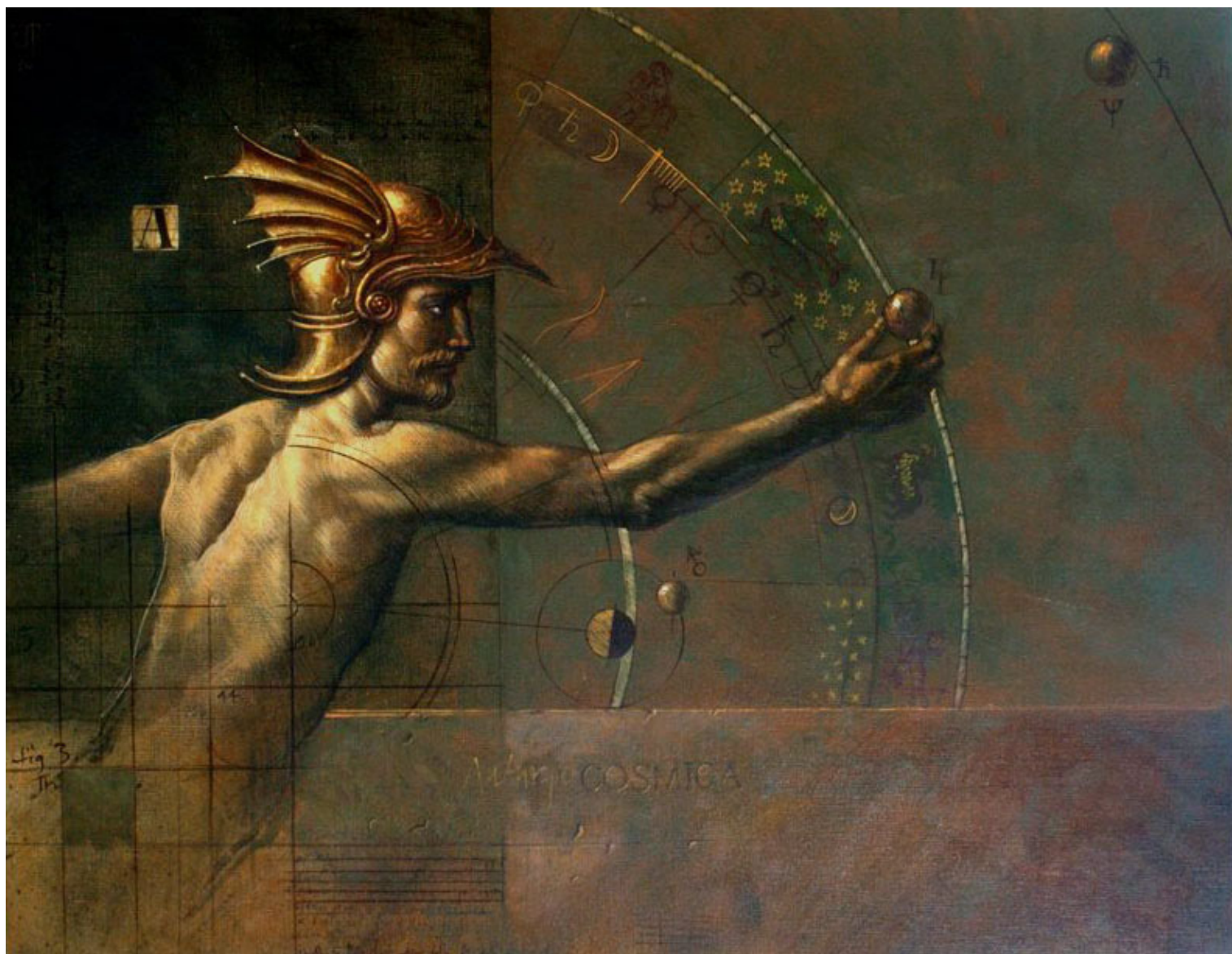
”

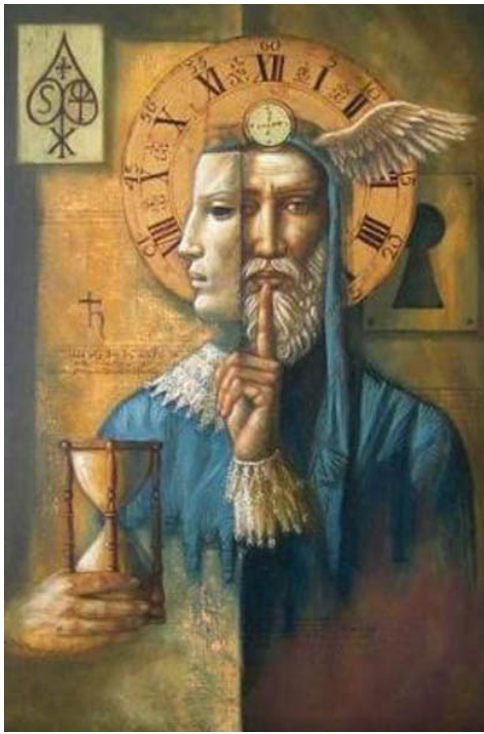
called the tripalium (in Latin it means "three stakes", as in to impale).

When traveling abroad, the odds favor a safe and incident-free trip, however, travelers can be subject to difficulties, crime and violence.

Travel may be local, regional, national (domestic) or international. In some countries, non-local internal travel may require an internal passport, while international travel typically requires a passport and visa.

A trip may also be part of a round-trip, which is a particular type of travel whereby a person moves from one location to another and returns.





called the tripalium (in Latin it means "three stakes", as in to impale).

When traveling abroad, the odds favor a safe and incident-free trip, however, travelers can be subject to difficulties, crime and violence.

Travel may be local, regional, national (domestic) or international. In some countries, non-local internal travel may require an internal passport, while international travel typically requires a passport and visa.

A trip may also be part of a round-trip, which is a particular type of travel whereby a person moves from one location to another and returns.





Vale quanto pesa?

ANTARES E O ABSURDO NA OBRA DE ALBERT CAMUS

POR NICOLE ZEGHBI

Ao me deparar com o mapa de Albert Camus pela primeira vez, em um grupo de estudo sobre estrelas fixas, me apaixonei assim que bati o olho em Antares na casa IV. É o encanto provocado pela conexão da estrela com um dos conceitos filosóficos da obra de Camus, desconhecido por mim até aquele momento, que me traz aqui. Partindo do mapa natal do escritor, este artigo delineará um de seus conceitos filosóficos retratado em “O mito de Sísifo”.

O absurdo, surge sob a influência da tuberculose, enfermidade que abalou seriamente a condição física do autor e o seu cotidiano.

O absurdo como conceito filosófico

O absurdo, um dos temas centrais do ensaio “O Mito de Sísifo”, está no reconhecimento do caráter ridículo e da ausência de um sentido profundo à vida.

O absurdo se estabelece na vida do homem pela suspensão da lógica do início, meio e fim inerente a todas as coisas e por sua relação com o tempo. Só se planejam os dias negando a impotência sobre o amanhã, ignorando a morte. Admitir o absurdo é admitir a morte e, consequentemente, a vida, percebendo nesta um sentido peculiar, posto pelas próprias verdades.

“Um homem é sempre vítima de suas verdades. Uma vez que as reconhece não é capaz de se desfazer delas. Precisa pagar um preço. O absurdo está ligado a responsabilidade e não a culpa.”

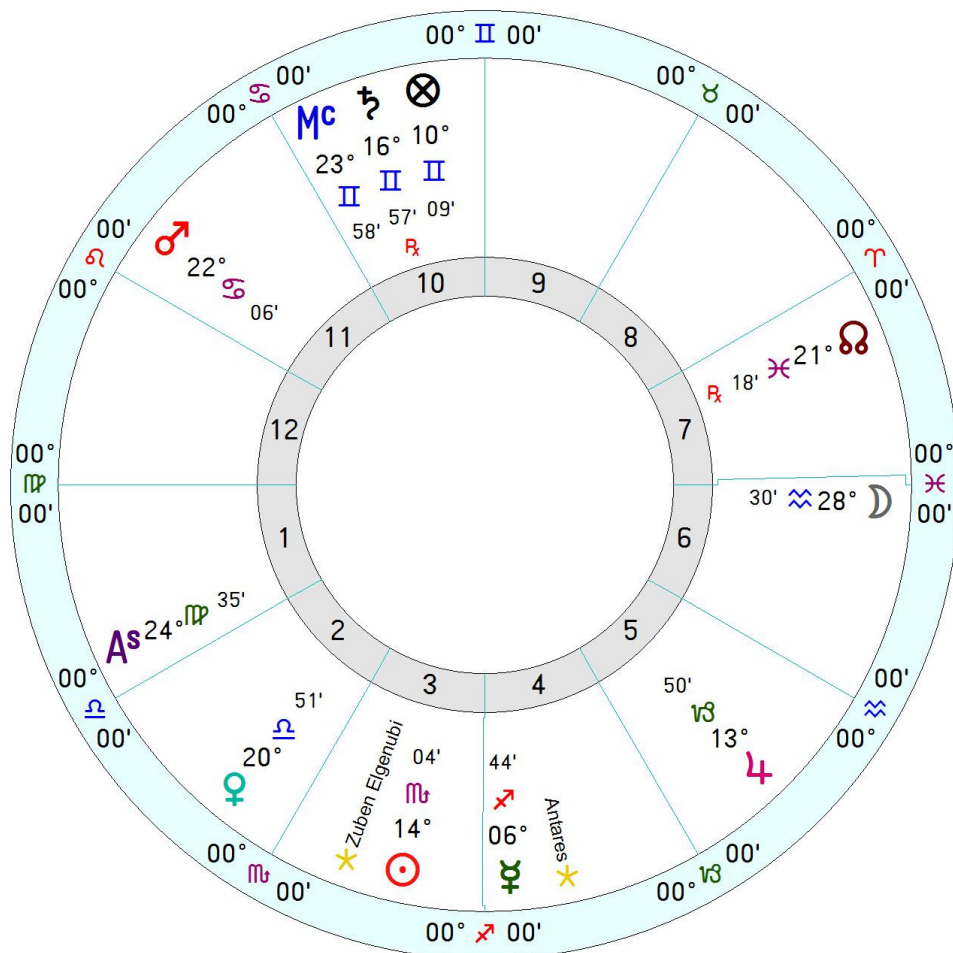
O Mito de Sísifo, Albert Camus

Trocando em miúdos, o absurdo é a inconsciência da morte que embala os dias na ilusão da eternidade, a falta de garantia de que a morte revelará algo que justifique a vida, é ignorar o presente para viver no agora os planos para o amanhã, um futuro que não se pode garantir.

E o mais assombroso do absurdo é a percepção de que o tempo não para, alheio à ignorância emocional do homem em relação a si mesmo e à sua vida, o tempo mantém a ordem natural das coisas, deteriorando dia após dia, a carne, o corpo, a vida.

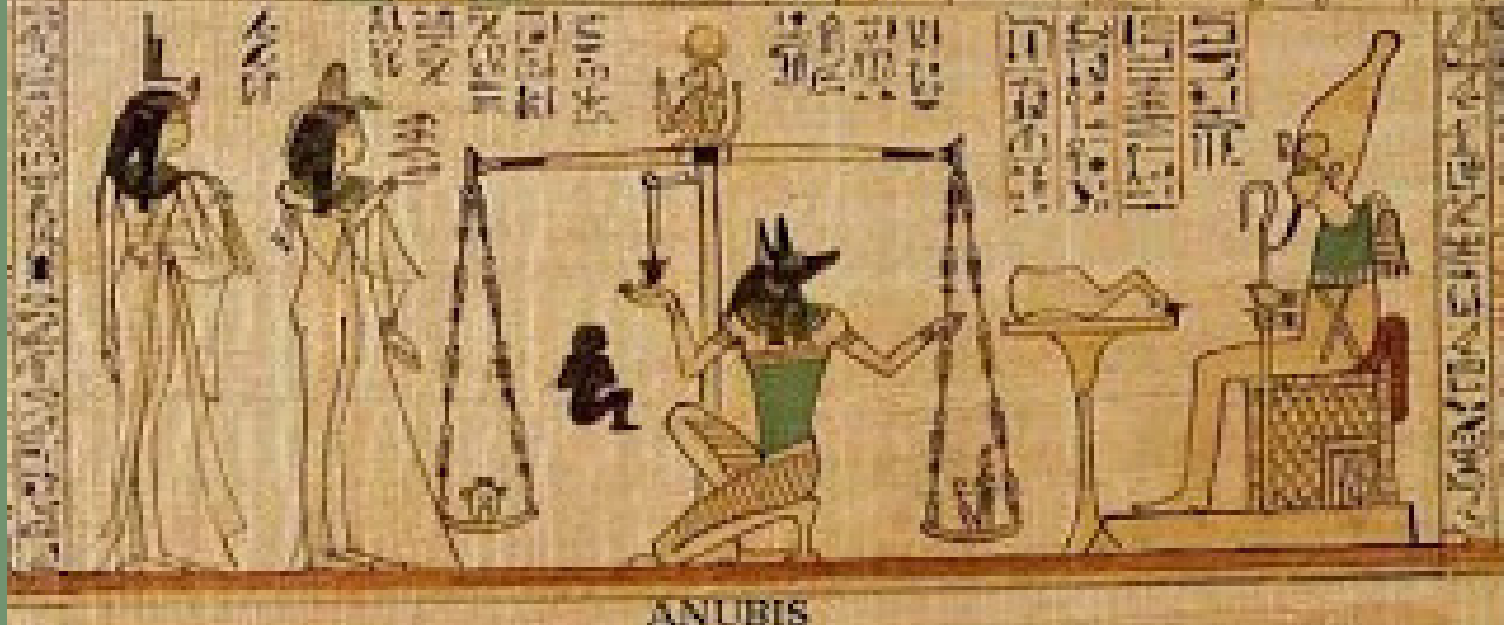
A revolta é viver os dias com o absurdo aclarado na consciência.

“... transformo em regra de vida o que era convite à morte e rejeito o suicídio.”
O Mito de Sísifo, Albert Camus



“É aqui que se vê a que ponto a experiência absurda se afasta do suicídio. Pode-se acreditar que o suicídio se segue à revolta. Mas é engano. Porque ele não reapresenta o resultado lógico. É precisamente o seu contrário, pelo consentimento que envolve. O suicídio, como salto, é a aceitação em seu limite. Tudo está consumado: o homem volta à sua história essencial. Seu futuro, seu único e terrível futuro, ele o distingue e se precipita. À sua maneira, o suicida resolve o absurdo. Ele o arrasta na mesma morte. Mas eu sei que, para se manter, o absurdo não pode se revolver. Ele escapa ao suicídio à medida que é, ao mesmo tempo, consciência e recusa da morte. É, no ponto extremo do último pensamento do condenado à morte, esse cordão de sapato que apesar de tudo ele percebe a alguns metros, em cima da própria margem de sua queda vertiginosa. O contrário do suicida é, precisamente, o condenado à morte.

Essa revolta dá o seu preço à vida. Estendida ao longo de toda uma existência, ela lhe devolve sua grandeza.” O Mito de Sísifo, Albert Camus



O ABSURDO COMO TESTEMUNHO ASTROLÓGICO

Astrologicamente, o ponto de convergência dessas questões é a conjunção de Mercúrio, regente do ascendente em Virgem, com uma das quatro estrelas reais (*): Antares, “o coração do Escorpião”.

Antares remete à cerimônia egípcia da pesagem das almas. Diante de Osíris, Anúbis, utilizando a balança dos sete espíritos, colocava em um de seus pratos a pena de Maat, e no outro o coração do morto, símbolo da vontade lúcida e da consciência. As almas cujo coração, representação das ações em vida, ultrapassassem o peso da pena de Maat, a pena da verdade, tinham seu coração estraçalhado e perdiam o direito à vida eterna.

As palavras inscritas na tumba do faraó Tutmés III esclarecem a verdade que era exigida: “O coração de um homem é seu próprio deus, e meu coração está satisfeito com meus atos”.

“Camus dizia que o único verdadeiro papel do homem, nascido em um mundo absurdo, era viver, ter consciência de sua vida, de sua revolta, de sua liberdade”.

William Faulkner

MERCÚRIO

Mercúrio, o regente do Ascendente, está em Sagitário (06° 44') na casa IV, o subterrâneo mundo de Hades.

A motivação do Ascendente, a segurança material, é vivenciada no mundo dos mortos, através de um Mercúrio em exílio - a morte como âncora de segurança, a razão tentando reinar onde a racionalidade está extinta.

Camus não tardaria a perceber o absurdo em que vivia. Ainda que ilusoriamente seguro, ao ignorar as verdades que autorizam ou impedem o ir e vir, mantinha-se prisioneiro das próprias limitações.

(*) As quatro estrelas reais da Pérsia e seus símbolos são Fomalhaut - uma coroa, Aldebaran - uma espada, Regulus - leviatã e Antares - uma balança.

TUBERCULOSE, A INFLUÊNCIA DA ENFERMIDADE EM SUA OBRA

Em 1930, aos 17 anos, Albert Camus foi acometido por uma grave crise tuberculosa. A doença deixaria sequelas indeléveis, que o afligiriam durante toda a vida.

A Lua na casa VI, abaixo do horizonte, é testemunho de doença crônica ligada à garganta, ao pescoço e ao pulmão (*). Saturno, sendo um maléfico angular, sem dignidade, oriental, em aspecto à Lua, também é testemunho de doenças crônicas.

Mas é a afirmação de que a doença deu-lhe a real dimensão da possibilidade cotidiana de morrer que nos interessa aqui, já que isso foi fundamental ao desenvolvimento de sua obra filosófica e literária.

O Sol, regente da XII e do lote das doenças (**), a $19^{\circ} 26'$, está com Zuben Elgenubi, da constelação de Libra, uma estrela que também é associada à pesagem do coração, sendo dita como “o preço insuficiente”.

O Sol a $14^{\circ} 04'$ faz sextil com Júpiter a $13^{\circ} 50'$ na V, levando consigo a Zuben Elgenubi, é testemunho do abandono das atividades que eram prazerosas a Albert Camus, em função da doença. Além de impedir que se tornasse professor, a tuberculose também o impediu de continuar a praticar o esporte que amava, Camus era goleiro da seleção universitária de futebol.

Outro testemunho é dado no trígono do Sol à Marte, $22^{\circ} 06'$, regente da III e da VIII. A doença submete sua realidade cotidiana à presença da morte e da Zuben Elgenubi. Camus começa a achar o preço insatisfatório, a vida não vale o quanto pesa.

Marte em Câncer na XI, faz oposição a Júpiter em Capricórnio na V. No fosso, os planetas testemunham a impotência diante da doença e a angústia do desamparo, a de quem não tem mais para onde voltar após ter visto a cara da morte.

A doença e a ideia da morte iminente causaram grande impacto não só no cotidiano, mas também nas esperanças futuras de Albert Camus. A oposição de Mercúrio $06^{\circ} 44'$ à antíscia de Marte $07^{\circ} 54'$, é mais do que o desassossego, do que o limite que não pode ser vencido, do que a ruptura da rotina diária, já que a dimensão cotidiana da morte trouxe à tona o absurdo, a percepção da ilusão diária da inexistência da morte.

(*) Segundo Alubater, a Lua deveria ainda estar aflita por maléfico para significar doenças ligadas à garganta, pescoço e pulmão.

(**) Lote das doenças: Asc + Marte – Saturno, fórmula diurna, invertendo em caso de um mapa noturno.



O ABSURDO

“Viver é fazer viver
o absurdo. Fazê-lo
viver é, antes de
tudo, encará-lo.
Ao contrário de
Eurídice, o absurdo
só morre quando
alguém se desvia
dele.”

O mito de Sísifo, Albert Camus



Júpiter, o regente da IV, está a $13^{\circ}15'50''$, conjunto a Vega. A estrela da constelação de Lyra narra a saga de Orfeu na travessia do mundo subterrâneo. Inconformado com a perda de sua amada Eurídice, Orfeu decide ir ao Hades e trazê-la de volta à vida. Sua habilidade musical e poética combinava a melodia da lira à verdadeira intenção das palavras cantadas, o que lhe conferia poder semelhante ao das musas, ultrapassava e superava todos os bloqueios e distâncias espaciais e temporais.

“Tão fascinante era seu canto que os fantasmas derramaram lágrimas; Tântalo esqueceu a sede; o abutre cessou o ataque ao fígado de Prometeu; Sísifo parou de rolar a pedra pela montanha, e nela se sentou para ouvir; as Danaides pararam de recolher água com peneiras e Íxion deixou de girar sua roda.” (*)

Foi assim que convenceu Hades a deixá-lo partir, Eurídice seguiria seus passos até o mundo dos vivos, a única condição imposta era a de não olhar para trás até que atingissem a clara luz do sol. Ao fazer o caminho de ida e volta no reino dos mortos venceu o interdito do mundo subterrâneo. Não fosse o apego ao passado, e à falsa segurança de uma conhecida mas fantasmagórica realidade, que fizeram seu olhar voltar-se para trás no último instante, Eurídice teria saído do Hades junto com ele.

$\nearrow 16^{\circ}07'10''$ (antíscia) \searrow \hbar M $16^{\circ}15'57''$

Júpiter projeta sua antíscia a $16^{\circ}07'10''$, na casa IV, sendo recebido em oposição por Saturno a $16^{\circ}15'57''$ na X. A realidade fantasmagórica é recebida pelo interdito, pela morte e sua impossibilidade de prever o amanhã. Saturno recebe a vida mesmo que condenada à morte. Saturno é a cara do absurdo.



Sísifo, de Tiziano, 1549

“Da mesma forma, e ao longo de todos os dias de uma vida sem brilho, o tempo nos carrega. Mas sempre chega um momento em que é preciso carregá-lo. Vivemos para o futuro: "amanhã", "mais tarde", "quando você tiver uma situação", "com o tempo você vai compreender". Essas inconsequências são admiráveis porque, afinal, se trata de morrer. Mas chega um dia e o homem verifica ou diz que tem trinta anos. Afirma assim sua juventude. Mas, nesse mesmo lance, se situa com relação ao tempo. Ocupa ali seu lugar. Reconhece que está num dado momento de uma curva que confessa ter de percorrer. Ele pertence ao tempo e, nesse horror que o agarra, reconhece nele seu pior inimigo. Amanhã, ele queria tanto amanhã, quando ele próprio deveria ter-se recusado inteiramente a isso.” O Mito de Sísifo, Albert Camus

“O absurdo é o resultado de um mau, porém necessário, encontro com o mundo.”

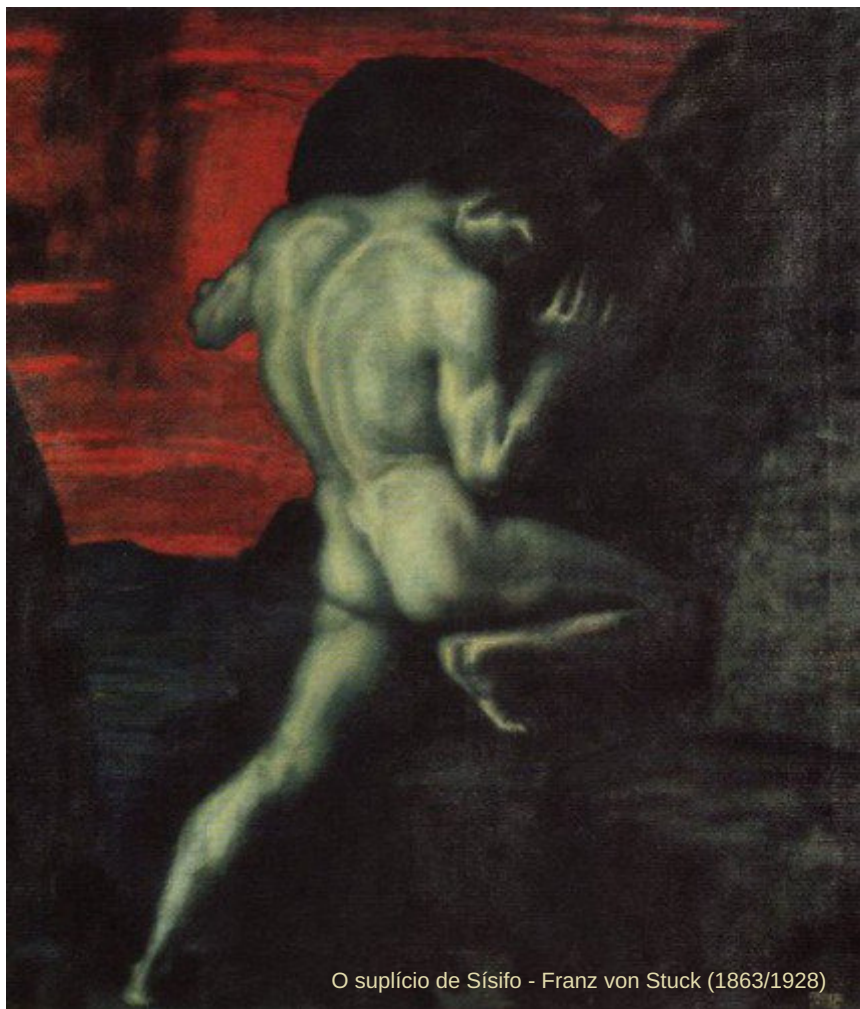
Por Rafael Lauro em Razao Inadequada

Mercúrio a $06^{\circ} \nearrow 44'$ na casa IV, recebe em oposição, Saturno a $16^{\circ} \amalg 57'$ na X. O regente da X, exilado, testemunha a limitação do absurdo recebida pelas ações no mundo.

A desrazão, ou melhor, a razão intuitiva de Mercúrio em Sagitário conjunto a Antares, recebe Saturno, o absurdo como limite à realidade é a incerteza do amanhã, a falta de sentido à vida que não tem mais a morte como promessa de eternidade, a desesperança de estar preso às próprias possibilidades. E “o que era um convite à morte vira regra de vida”(*), o absurdo poderia ser solucionado pelo suicídio, mas a saída encontrada é a vida.

A crença no absurdo da existência comanda a conduta de Mercúrio, o leme que direciona a embarcação e, também, a ação que movimenta as águas rumo à liberdade moral, à inexistência da culpa, à leveza árdua da responsabilidade e à esmagadora consciência das possibilidades e limitações. A embarcação segue rumo a uma vida fiel à verdade de seu coração.

(*) Albert Camus, em “O mito de Sísifo”.



O suplício de Sísifo - Franz von Stuck (1863/1928)

“

“O homem absurdo é aquele que, sem o negar, não faz nada para o eterno. Não que a nostalgia lhe seja estranha. Mas ele prefere sua coragem e seu raciocínio. A primeira o ensina a viver sem apelação e a se bastar com o que tem, o segundo o instrui sobre seus limites. Certo de sua liberdade a prazo, de sua revolta sem futuro e de sua consciência perecível, prossegue em aventura no tempo da sua vida.”

O Mito de Sísifo, Albert Camus

”



O Lote do Espírito (*)

O lote do espírito determina dons em potencial, e sendo um lote associado à vontade do nativo, dependerá dele o desenvolvimento das habilidades contidas no Espírito.

O lote do espírito de Albert Camus está a $09^{\circ}10'01''$, nos termos de Júpiter, na casa V. Oferece uma capacidade criativa marcada pelas características da cabra-peixe, uma criatividade pragmática que usa a razão como ferramenta de construção. Júpiter e Veja, conjuntos ao lote, matizam a racionalidade com o que está além da matéria, imprimindo no processo criativo de Camus as habilidades melódicas de Vega, capazes de ressignificar a vida na métrica da palavra.

O lote sintetiza tudo o que já foi dito, agrupando em um mesmo ponto a obra de Camus, as conexões entre Saturno, Mercúrio, Júpiter, Marte e Sol.

Associa sua produção artística e literária (Júpiter na V) à profissão e determina o tipo de reconhecimento que obterá através desta (Saturno na X).

As capacidades prometidas pelo lote se desenvolvem através da rotina moribunda (Sol), que ao lhe apresentar a cara da morte (Marte) provoca uma ressignificação de seus recursos pessoais (Mercúrio/Saturno). “O tempo fará viver o tempo e a vida fará viver a vida”(**), o esclarecimento de que não há amanhã desperta a liberdade em relação a si mesmo. O viver compromissado com a verdade que lhe cabe e a disposição para pagar o preço por suas escolhas tornam-se a leveza do saber ter feito o que lhe era possível, deixando para trás a culpa, o peso do coração.

(*) Lote do Espírito: $\text{Asc} + \text{Sol} - \text{Lua}$, fórmula diurna, invertendo em caso de um mapa noturno.

(**) Albert Camus, em “O mito de Sísifo”.

CONCLUSÃO

“Deixemos de coisa, falemos da vida, pois se não
chega a morte ou coisa parecida e nos arrasta
sem termos visto a vida.”

Belchior, em Na hora do almoço”

Não sei até que ponto o autor foi capaz de viver de acordo com os conceitos filosóficos de sua obra, mas essa não é a questão aqui. Mantive o foco na correlação entre um dos principais conceitos filosóficos de Camus e o céu desenhado em seu mapa natal.

Parece-me que Antares abriu-lhe as portas do mundo subterrâneo. O coração do Escorpião, que reconhece a morte diária na vida, trouxe ao entendimento de Camus o julgamento para além da moral, o comprometimento com verdades e paixões, a aceitação dos próprios limites. Nesse reconhecimento das limitações, que nada tem a ver com apegar-se, e sim com assumir as próprias possibilidades, encontrou a liberdade, que não exime responsabilidades, mas garante a leveza de um coração sem culpa.

Albert Camus recebeu de Antares o convite ao absurdo, à recusa a todas as fugas e à luta pela lucidez.

Biografia

Albert Camus, prêmio Nobel da Literatura em 1957, está longe de ser um autor devidamente arrumado, seja nas gavetas da literatura, seja nas da filosofia ou da política. Poucos duvidarão de que foi um dos grandes escritores do século XX, mas o consenso acaba aí.

Apesar de considerar um escritor e não um filósofo, o argelino, que viveu entre 1913 e 1960, é conhecido por incluir reflexões filosóficas em seus trabalhos. "Se você quiser filosofar, escreva romances", dizia. De família pobre, a vida do intelectual, que perdeu o pai na Primeira Guerra Mundial, foi marcada por ausências.

Sem livros, jornais, rádios, energia elétrica ou água corrente, Camus teve uma infância muito diferente daquela vivida pelos filósofos franceses de quem viria a ser amigo. O primeiro registro de seu primeiro diário, escrito aos 22 anos, traz a anotação: "Certo número de anos sem dinheiro basta para criar toda uma sensibilidade".

Na primeira metade dos anos 40 se afirmou como um dos grandes escritores da sua geração, com as obras do chamado "ciclo do absurdo": o ensaio O Mito de Sísifo (1942), o romance O Estrangeiro (1942), a peça O Equívoco (1944). Pode dizer-se que A Peste abre, em 1947, um segundo ciclo, cuja tônica é a revolta, e que inclui o ensaio O Homem Revoltado (1951), obra que provocou fortes polémicas e levou à sua ruptura com Jean-Paul Sartre.

Fontes:
<https://revistagalileu.globo.com>
<https://www.publico.pt>

O MITO



SÍSIFO, O MAIS ASTUTO E ATREVIDO DOS MORTAIS

Sísifo fora um rei de Corinto, e procurou enganar e se aproveitar dos próprios deuses maiores: primeiro, testemunhara Zeus raptando Egina, a filha de Asopo e, em troca da revelar ao pai o nome do raptor, obteve dele favores.

Para se vingar, Zeus enviou-lhe Tânatos, a morte, mas Sísifo prendeu-o com correntes, de forma que durante esse tempo ninguém mais morria — o que levou Hades pedir providências. Zeus então liberta a Morte, que para início leva o próprio Sísifo mas este, espertamente, ordenara à esposa que não lhe prestasse as honras fúnebres. Como não poderia permanecer no mundo dos mortos assim desprovido dos rituais, solicitou ao deus do submundo para voltar à vida e castigar a mulher, o que foi-lhe permitido — mas era mais um logro. O deus ctônio, então, enviou-lhe novamente Tânatos, que o mata definitivamente. Foi levado ao Tártaro, onde tinha por tarefa empurrar uma rocha até o topo de um monte; mas, passando o dia todo neste afã, quando descansava à noite a pedra voltava a rolar até a base da montanha — de modo que tinha de começar tudo novamente, todos os dias. Deu origem à expressão trabalho de Sísifo.

Fonte: Alexander S. Murray (trad. ao espanhol de Cristina Maria Borrego) (1997). *Quién es Quién en la Mitología*.

Fonte das informações apresentadas

“O mito de Sísifo”, Camus Albert

“Albert Camus e o suicídio”, Arcaro Matheus, publicado em www.issocompensa.com

Página <http://www.constellationsofwords.com>, acessada em abril de 2018

Página www.fascinioegito.sh06.com, acessada em abril de 2018

Página www.pt.wikipedia.org, acessada em abril de 2018

Página www.razaoinadequada.com, acessada em abril de 2018

Página <http://revistapandorabrasil.com>, acessada em abril de 2018

Página <https://resenharexperientia.wordpress.com>, acessada em abril de 2018